



**JORGE LUIS
BORGES**
os conjurados

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JORGE LUIS BORGES

1899-1986

os conjurados
1985



Tradução de Pepe Escobar

Os Conjurados

Jorge Luis Borges

Tradução Pepe Escobar

EDITORA TRÊS

Primeira edição: Alianza Tres, 1985 (Espanha)

Índice Segunda edição. Alianza Literatura, 1985 (Argentina)

Primeira edição Brasileira: Editora Três, 1985

Jorge Luis Borges, 1985

© Alianza Editorial S.A. Madri, 1985

Índice

Inscrição
Prólogo
Cristo na cruz
Doomsday
César
Triade
A trama
Relíquias
São os rios
A jovem noite
A tarde
Elegia
Abramowicz
Fragmentos de uma tabuleta de barro decifrada por Edmund Bishop em 1867
Elegia de um parque
A suma
Quem sonha
Alguém sonhará
Sherlock Holmes
Um lobo
Midgarthormr
Nuvens I
Nuvens II
On his blindness
O fio da fábula
Posse do passado
Enrique Banchs
Sonho sonhado em Edimburgo
As folhas do cipreste
Cinza
Haydee Lange
Outro fragmento apócrifo
A longa busca
Da diversa Andaluzia
Gôngora
Todos os passados, um sonho
Pedras e Chile
Milonga do infiel
Milonga do morto
Juan López e John Ward
1982

Os conjurados

Inscrição

Escrever um poema é ensaiar uma magia menor. O instrumento dessa magia, a linguagem, é assaz misterioso. Nada sabemos de sua origem. Só sabemos que se ramifica em idiomas e que cada um deles consta de um indefinido e mutante vocabulário, e de uma cifra indefinida de possibilidades sintáticas. Com esses inacessíveis elementos formei este livro. (No poema, a cadência e o ambiente de uma palavra podem pesar mais do que o sentido.) Seu é este livro, Maria Kodama. Será preciso que lhe diga que essa inscrição compreende os crepúsculos, os cervos de Nara, a noite que está só e as populosas manhãs, as ilhas compartilhadas, os mares, os desertos e os jardins, o que perde o olvido e o que a memória transforma, a alta voz do muezin, a morte de Hawkwood, os livros e as lâminas?

Só podemos dar o que já foi dado. Só podemos dar o que já é do outro. Neste livro estão as coisas que sempre foram suas. Que mistério é uma dedicatória, uma entrega de símbolos!

J.L.B.

Prólogo

A ninguém pode maravilhar que o primeiro dos elementos, o fogo, não predomine no livro de um homem de oitenta e tantos anos. Uma rainha, na hora de sua morte, diz que é fogo e ar; eu chego a sentir que sou terra, cansada terra. Sigo, sem dúvida, escrevendo. Que outra sorte me resta, que outra bela sorte me resta? O êxtase de escrever não se mede pelas virtudes ou fraquezas da escritura. Toda obra humana é perecível, afirma Carlyle, mas sua execução não o é.

Não professo nenhuma estética. Cada obra confia a seu escritor a forma que busca: o verso, a prosa, o estilo barroco ou simples. As teorias podem ser admiráveis estímulos (recordemos a Whitman), mesmo assim podem engendrar monstros ou meras peças de museu. Recordemos o monólogo interior de James Joyce ou o sumamente incômodo Polifemo.

No correr dos anos observei que a beleza, como a felicidade, é frequente. Não passa um dia em que não estejamos, por um instante, no paraíso. Não há poeta, por medíocre que seja, que não tenha escrito o melhor verso da literatura, mas também os mais infelizes. A beleza não é privilégio de uns quantos nomes ilustres. Seria muito raro que este livro, que abarca umas quarenta composições, não entesourasse uma só linha secreta, digna de acompanhar-te até o fim.

Neste livro há muitos sonhos. Aclaro que foram dons da noite ou, mais precisamente, do amanhecer, e não ficções deliberadas. Apenas me atrevi a agregar um ou outro rasgo circunstancial, dos que exige nosso tempo, a partir de Defoe.

Dito este prólogo em uma de minhas pátrias, Genebra.

J.L.B

9 de Janeiro de 1985

Cristo na cruz

Cristo na cruz. Os pés tocam a terra.
As três vigas são de igual altura.
Cristo não está no meio. É o terceiro.
A negra barba pende sobre o peito.
O rosto não é o rosto das lâminas.
E áspero e judeu. Não o vejo
e o seguirei buscando até o dia
último de meus passos pela terra.
O homem violado sofre e cala.
A coroa de espinhos o lastima.
Não o alcança o escárnio da plebe
que viu sua agonia tantas vezes.
A sua ou a de outro. Dá no mesmo.
Cristo na cruz. Desordenadamente
pensa no reino que talvez o espera,
pensa em uma mulher que não foi sua.
Não lhe é dado ver a teologia,
a indecifrável Trindade, os gnósticos,
as catedrais, a navalha de Occam,
a púrpura, a mitra, a liturgia,
a conversão de Guthrum pela espada,
a Inquisição, o sangue dos mártires,
as atrozidades Cruzadas, Joana D'Arc,
o Vaticano que bendiz exércitos.
Sabe que não é um deus e que é um homem
que morre com o dia. Não lhe importa.
Lhe importa o duro ferro dos cravos.
Não é um romano. Não é um grego. Geme.
Nos deixou esplêndidas metáforas
e uma doutrina do perdão que pode
anular o passado. (Essa sentença
foi escrita por um irlandês em um cárcere.)
A alma busca o fim, com urgência.
Escureceu um pouco. Já morreu.
Anda uma mosca pela carne quieta.
Que pode me servir que aquele homem
tenha sofrido, se eu sofro agora?

Doomsday

Será quando a trombeta ressoe, como escreve São João o Teólogo.

Foi em 1757, segundo o testemunho de Swedenborg.

Foi em Israel quando a loba cravou na cruz a carne de Cristo, mas não só então.

Ocorre em cada pulsação de teu sangue.

Não há um instante que não possa ser a cratera do Inferno.

Não há um instante que não possa ser a água do Paraíso.

Não há um instante que não esteja carregado como uma arma.

Em cada instante podes ser Caim ou Sidarta, a máscara ou o rosto.

Em cada instante pode te revelar seu amor Helena de Troia.

Em cada instante o galo pode ter cantado três vezes.

Em cada instante a clepsidra deixa cair a última gota.

César

Aqui, o que deixaram os punhais.
Aqui essa pobre coisa, um homem morto
que se chamava César. Aberto;
nas crateras da carne, os metais.
Aqui o atroz, aqui a detida
máquina usada ontem para a glória,
para escrever e executar a história
e para o gozo pleno da vida.
Aqui também o outro, aquele prudente
imperador que declinou medalhas,
que comandou barcos e batalhas
e que regeu o oriente e o poente.
Aqui também o outro, o que virá
cuja grande sombra o mundo inteiro será.

Tríade

O alívio que terá sentido César
na manhã de Farsalia, ao pensar: Hoje é a batalha!

O alívio que terá sentido Carlos Primeiro ao ver o amanhecer no cristal e pensar: hoje é o
dia do patíbulo, da coragem e do machado.

O alívio que tu e eu sentiremos no instante que precede a morte, quando a sorte nos desate
do triste costume de ser alguém e do peso do universo.

A trama

As migrações que o historiador, guiado pelas desafortunadas relíquias da cerâmica e do bronze, trata de fixar no mapa, e que não compreenderam os povos que as executaram.

As divindades do amanhecer que não deixaram nem um ídolo nem um símbolo.

O sulco do arado de Caim.

O sereno na grama do Paraíso.

Os hexagramas que um imperador descobriu na carcaça de uma das tartarugas sagradas.

As águas que não sabem que são o Ganges.

O peso de uma rosa em Persépolis.

O peso de uma rosa em Bengala.

Os rostos que se pôs uma máscara que guarda uma vitrine.

O nome da espada de Hengist.

O último sonho de Shakespeare.

A pena que traçou a curiosa linha: He met the Nightmare and her name he told.¹

O primeiro espelho, o primeiro hexâmetro.

As páginas que leu um homem cinzento e que lhe revelaram que podia ser Dom Quixote.

Um ocaso cujo escarlate perdura em um vaso de Creta.

Os brinquedos de um menino que se chamava Tibério Graco.

O anel de ouro de Polícrates que o Destino recusou.

Não há uma só dessas coisas perdidas que não projete agora uma extensa sombra, e que não determine o que fazes hoje ou o que farás amanhã.

1 Em português: “Ele encontrou o Pesadelo e disse seu nome”. Em inglês, “nightmare”, pesadelo, significa “égua da noite” (the night mare). A frase também pode ser lida assim. “Ele encontrou a Égua da Noite e a nomeou”.

Relíquias

O hemisfério austral. Sob sua álgebra
de estrelas ignoradas por Ulisses,
um homem busca e seguirá buscando
as relíquias daquela epifania
que lhe foi dada, há tantos anos,
do outro lado de uma numerada
porta de hotel, junto ao perpétuo Tâmisia,
que flui como flui esse outro rio,
o tênue tempo elemental. A carne
esquece seus pesares e seus êxtases.
O homem espera e sonha. Vagamente
resgata umas triviais circunstâncias.
Um nome de mulher, uma brancura,
um corpo já sem rosto, a penumbra
de uma tarde sem data, a garoa,
umas flores de cera sobre um mármore
e as paredes, cor rosa pálido.

São os rios

Somos o tempo. Somos a famosa
parábola de Heráclito o Obscuro.
Somos a água, não o diamante duro,
a que se perde, não a que repousa.
Somos o rio e somos aquele grego
que se olha no rio. Seu semblante
muda na água do espelho mutante,
no cristal que muda como o fogo.
Somos o vão rio prefixado,
rumo a seu mar. Pela sombra cercado.
Tudo nos disse adeus, tudo nos deixa.
A memória não cunha sua moeda.
E no entanto há algo que se queda
e no entanto há algo que se queixa.

A jovem noite

Já as lustrais águas da noite me absolvem
das muitas cores e das muitas formas.
Já no jardim as aves e os astros exaltam
o regresso esperado das antigas normas
do sonho e da sombra. Já a sombra selou
os espelhos que copiam a ficção das coisas.
Melhor disse Goethe: *O próximo se afasta*.
Essas quatro palavras cifram todo o crepúsculo.
No jardim as rosas deixam de ser as rosas
e querem ser a Rosa.

A tarde

As tardes que vão ser e terão sido
são uma só, inconcebivelmente.

São um claro cristal, só e doente,
inacessível ao tempo e a seu olvido.

São os espelhos dessa tarde eterna
que em um céu secreto se entesoura.

Naquele céu estão o peixe, a aurora,
a balança, a espada e a cisterna.

Um e cada arquétipo. Assim Plotino
nos ensina em seus livros, que são nove;
bem pode ser que o que a nossa vida move
seja um reflexo fugaz do divino.

A tarde elemental ronda a casa.

A de ontem, a de hoje, a que não passa.

Elegia

Tudo é agora. Abramowicz, o singular sabor da morte, a ninguém negado, que me será oferecido nesta casa ou do outro lado do mar, às margens do teu Ródano, que flui fatalmente como se fosse esse outro e mais antigo Ródano, o Tempo. Tua será também a certeza de que o Tempo se esquece de seus passados e de que nada é irreparável, ou a contrária certeza de que os dias nada podem apagar, e de que não há um ato, ou um sonho, que não projete uma sombra infinita. Genebra te acreditava um homem de leis, um homem de ditames e de causas, mas em cada palavra, em cada silêncio, eras um poeta. Talvez estejas folheando neste momento os diversos livros que não escrevestes, mas que prefixavas e descartavas, e que para nós te justificam e de alguma maneira são. Durante a primeira guerra, enquanto se matavam os homens, sonhamos os dois sonhos que se chamaram Laforgue e Baudelaire. Descobrimos as coisas que descobrem todos os jovens: o ignorante amor, a ironia, o desejo de ser Raskolnikov ou o príncipe Hamlet, as palavras e os poentes. As gerações de Israel estavam em ti quando me disseste sorrindo: *Je suis très fatigué. J'ai quatre mille ans*. Isto ocorreu na Terra; vão é conjecturar a idade que terás no céu.

Não sei se todavia és alguém, não sei se estás me ouvindo.

Buenos Aires, quatorze de janeiro de 1984

Abramowicz

Essa noite, não longe do cume da colina de Saint Pierre, uma valorosa e venturosa música grega nos acaba de revelar que a morte é mais inverossímil que a vida e que, por conseguinte, a alma perdura quando seu corpo é caos. Isto quer dizer que Maria Kodama, Isabelle Monet e eu somos três, como ilusoriamente acreditávamos. Somos quatro, já que também está conosco, Maurice. Com vinho tinto brindamos à sua saúde. Não fazia falta a tua voz, não fazia falta o roçar de tua mão nem tua memória. Estavas aí, silencioso e sem dúvida sorridente, ao perceber que nos assombrava e maravilhava esse fato notório que ninguém pode morrer. Estavas aí, ao nosso lado, e contigo as multidões dos que dormem com seus pais, segundo se lê nas páginas da Bíblia. Contigo estavam as multidões das sombras que beberam na tumba ante Ulisses e também Ulisses e também todos os que foram ou imaginaram os que foram. Todos estavam aí, e também meus pais e também Heráclito e Yorick. Como pode morrer uma mulher ou um homem ou uma criança, que foram tantas primaveras e tantas folhas, tantos livros e tantos pássaros e tantas manhãs e noites.

Esta noite posso chorar como um homem, posso sentir que pelas maçãs do rosto as lágrimas resvalam, porque sei que na terra não há uma só coisa que seja mortal e que não projete sua sombra. Esta noite me disseste sem palavras, Abramowicz, que devemos entrar na morte como quem entra em uma festa.

Fragmentos de uma tabuleta de barro decifrada por Edmund Bishop em 1867

... É a hora sem sombra. Melkart o Deus rege desde o cume do meio-dia o mar de Cartago.
Aníbal é a espada de Melkart.

As três fânegas de anéis de ouro dos romanos que pereceram na Apulia, seis vezes mil,
chegaram ao porto.

Quando o outono esteja nos racimos terei ditado o verso final.

Louvido seja Baal, Deus dos muitos céus, louvada seja Tanith, a cara de Baal, que deram
a vitória a Cartago e que me fizeram herdar a vasta língua púnica, que será a língua da orbe, e
cujos caracteres são talismânicos.

Não morri na batalha como meus filhos, que foram capitães na batalha e que não
enterrarei, mas ao longo das noites lavrei o cantar das duas guerras e da exultação.

Nosso é o mar. Que sabem os romanos do mar?

Tremem os mármores de Roma; ouviram o rumor dos elefantes de guerra.

Ao fim de violados convênios e de mentirosas palavras, condescendemos com a espada.

Tua é a espada agora, romano; a tens cravada no peito.

Cantei a púrpura de Tiro, que é nossa mãe. Cantei os trabalhos dos que descobriram o
alfabeto e sulcaram os mares. Cantei a pira da clara rainha.

Cantei os remos e os mastros e as árduas tormentas...

Berna, 1984

Elegia de um parque

Perdeu-se o labirinto. Perderam-se
todos os eucaliptos ordenados,
os toldos do verão e a vigília
do incessante espelho, repetindo
cada expressão de cada rosto humano,
cada fugacidade. O suspenso
relógio, a entretecida madressilva.
o arvoredos, as frívolas estátuas,
o outro lado da tarde, o trino,
o belvedere e o ócio da fonte
são coisas do passado. Do passado?
Se não houve um princípio nem haverá um término,
se nos aguarda uma infinita soma
de brancos dias e de negras noites,
já somos o passado que seremos.
Somos o tempo, o rio indivisível,
somos Uxmal, Cartago e a apagada
muralha do romano e o perdido
parque que comemoram estes versos.

A suma

Ante a cai de uma parede que nada
nos veda imaginar como infinita
um homem se sentou e premedita
traçar com rigorosa pincelada
na branca parede o mundo inteiro:
portas, balanças, tártaros, jacintos,
anjos, bibliotecas, labirintos,
âncoras, Uxmal, o infinito, o zero.
Povoa de formas a parede. A sorte,
que de curiosos dons não é avara,
lhe permite dar fim à sua porfia.
No preciso instante da morte
descobre que esta vasta algaravia
de linhas é a imagem de sua cara.

Quem sonha

Que terá sonhado o Tempo até agora, que é, como todos os agoras, o ápice? Sonhou a espada, cujo melhor lugar é o verso. Sonhou e lavrou a sentença, que pode simular a sabedoria. Sonhou a fé, sonhou as atrozes Cruzadas. Sonhou os gregos que descobriram o diálogo e a dúvida. Sonhou a aniquilação de Cartago pelo fogo e o sal. Sonhou a palavra, esse torpe e rígido símbolo. Sonhou o êxtase que tivemos ou que agora sonhamos ter tido. Sonhou a primeira manhã de Ur. Sonhou o misterioso amor da bússola. Sonhou a proa do norueguês e a proa do português. Sonhou a ética e as metáforas do mais estranho dos homens, o que morreu uma tarde em uma cruz. Sonhou o sabor da cicuta na língua de Sócrates. Sonhou esses dois curiosos irmãos, o eco e o espelho. Sonhou o livro, esse espelho que sempre nos revela outra face. Sonhou o espelho em que Francisco López Merino e sua imagem viram-se pela última vez. Sonhou o espaço. Sonhou a música, que pode prescindir do espaço. Sonhou a arte da palavra, ainda mais inexplicável que a da música, porque inclui a música. Sonhou uma quarta dimensão e a fauna singular que a habita. Sonhou o número da areia. Sonhou os números transfinitos, aos quais não se chega contando. Sonhou o primeiro que no trovão ouviu o nome de Thor. Sonhou as opostas caras de Jano, que nunca serão vistas. Sonhou a lua e os dois homens que caminharam pela lua. Sonhou o poço e o pêndulo. Sonhou Walt Whitman, que decidiu ser todos os homens, como a divindade de Spinoza. Sonhou o jasmim, que não pode saber que o sonham. Sonhou as gerações das formigas e as gerações dos reis. Sonhou a vasta rede que tecem todas as aranhas do mundo. Sonhou o arado e o martelo, o câncer e a rosa, as campanadas da insônia e o xadrez. Sonhou a enumeração que os tratadistas chamam caótica e que, de fato, é cósmica, porque todas as coisas estão unidas por vínculos secretos. Sonhou minha avó Frances Haslam na guarnição de Junín, a um palmo das lanças do deserto, lendo sua Bíblia e seu Dickens. Sonhou que nas batalhas os tártaros cantavam. Sonhou a mão de Hokusai, traçando uma linha que logo será uma onda. Sonhou Yorick, que vive para sempre em umas palavras do ilusório Hamlet. Sonhou os arquétipos. Sonhou que ao longo dos verões, ou em um céu anterior aos verões, há uma só rosa. Sonhou os rostos de teus mortos, que agora são embaçadas fotografias. Sonhou a primeira manhã de Uxmal. Sonhou o ato da sombra. Sonhou as cem portas de Tebas. Sonhou os passos do labirinto. Sonhou o nome secreto de Roma, que era sua verdadeira muralha. Sonhou a vida dos espelhos. Sonhou os signos que traçará o escriba sentado. Sonhou uma esfera de marfim que guarda outras esferas. Sonhou o caleidoscópio, grato aos ócios do enfermo e do menino. Sonhou o deserto. Sonhou o amanhecer que espreita. Sonhou o Ganges e o Tâmisia, que são nomes da água. Sonhou mapas que Ulisses não teria compreendido. Sonhou Alexandre da Macedônia. Sonhou o muro do Paraíso, que deteve Alexandre. Sonhou o mar e a lágrima. Sonhou o cristal. Sonhou que Alguém o sonha.

Alguém sonhará

Quem sonhará o indecifrável futuro? Sonhará que Alonso Quijano pode ser Dom Quixote sem deixar sua aldeia e seus livros. Sonhará que uma véspera de Ulisses pode ser mais pródiga que o poema que narra seus trabalhos. Sonhará gerações humanas que não reconhecerão o nome de Ulisses. Sonhará sonhos mais precisos que a vigília de hoje. Sonhará que poderemos fazer milagres e que não os faremos, porque será mais real imaginá-los. Sonhará mundos tão intensos que a voz de uma só de suas aves poderia te matar. Sonhará que o esquecimento e a memória podem ser atos voluntários, não agressões ou dádivas do azar. Sonhará que veremos com todo o corpo, como queria Milton desde a sombra desses ternos orbes, os olhos. Sonhará um mundo sem a máquina e sem essa doente máquina, o corpo. A vida não é um sonho mas pode chegar a ser um sonho, escreve Novalis.

Sherlock Holmes

Não saiu de uma mãe nem soube de maiores.
Idêntico é o caso de Quijano e de Adão.
Está feito de azar. Imediato ao cercão
o regem os vaivéns de variáveis leitores.

Não é um erro pensar que nasce no momento
em que o vê aquele outro que narrará sua história
e que morre em cada eclipse da memória
dos que o sonhamos. É mais oco que o vento.

É casto. Nada sabe do amor. Não fez caso.
Esse homem tão viril renunciou à arte
de amar. Em Baker Street vive só e à parte.
Alheio também a essa outra arte, o ocaso.

O sonhou um irlandês, que não o quis nunca
e que tratou, nos dizem, de matá-lo. Foi em vão.
O homem solitário prossegue, lupa na mão,
sua rara sorte descontínua de coisa trunca.

Não tem relações, mas não o perdoa
a devoção do outro, que foi seu evangelista
e que de seus milagres deixou a lista.
Vive de um modo cômodo: em terceira pessoa.

Não desce mais ao banheiro. Tampouco visitava
esse retiro Hamlet, que morre na Dinamarca
e que não sabe quase nada dessa comarca
da espada e do mar, do arco e da aljava.

(Omnia sunt plena Jovis. Sem mais espera
diremos daquele justo que dá nome aos versos
que sua inconstante sombra percorre os diversos
domínios em que foi parcelada a esfera.)

Atiça no lar as acesas ramas
ou dá morte nos páramos a um cão do inferno.
Esse alto cavalheiro não sabe que é eterno.
Resolve tolices e repete epigramas.

Nos chega de uma Londres de gás e de neblina

uma Londres que se sabe capital de um império
que lhe interessa pouco, de uma Londres de mistério
tranquilo, que não quer sentir que já declina.

Não nos maravilhemos. Depois da agonia,
o destino ou o azar (que são do mesmo pote)
depara com cada qual essa curiosa sorte
de ser ecos ou formas que morrem a cada dia.

Que morrem até um dia final em que o olvido,
que é a meta comum, nos olvide do todo.
Antes que nos alcance brinquemos com o lodo
de ser durante um tempo, de ser e de ter sido.

De tarde em tarde Sherlock Holmes nos acua;
é das boas rotinas que nos restam. A morte
e a sesta são outras. Também é nossa sorte
convalescer em um jardim ou mirar a lua.

Um lobo

Furtivo e cinzento na penumbra última,
vai deixando seus rastros na margem
deste rio sem nome que saciou
a sede de sua garganta e cujas águas
não repetem estrelas. Esta noite,
o lobo é uma sombra que está só
e que busca a fêmea e sente frio.
É o último lobo da Inglaterra.
Odin e Thor o sabem. Em sua alta
casa de pedra um rei decidiu
acabar com os lobos. Forjado
já foi o forte ferro de tua morte.
Lobo saxão, engendrastes em vão.
Não basta ser cruel. És o último.
Mil anos passarão e um homem velho
te sonhará na América. De nada
pode servir-te esse futuro sonho.
Hoje te cercam os homens que seguiram
pela selva os rastros que deixaste,
furtivo e cinzento na penumbra última.

Midgarthormr

Sem fim o mar. Sem fim o peixe, a verde
serpente cosmogônica que encerra,
verde serpente e verde mar, a terra,
como ela circular. A boca morde
a cauda que lhe chega de longe,
desde o outro confim. O forte anel
que nos abarca é tempestades, brilho,
sombra e rumor, reflexos de reflexos.
E também a anfisbena. Eternamente
miram-se sem horror os mesmos olhos.
Cada cabeça exala crassamente
os ferros da guerra e os despojos.
Sonhado foi na Islândia. Os abertos
mares o divisaram e o temeram;
voltará com o barco maldito
que se arma com as unhas dos mortos.
Alta será sua inconcebível sombra
sobre a terra pálida no dia
de altos lobos e esplêndida agonia
do crepúsculo aquele que não se nomeia.
Sua imaginária imagem nos macula.
Ao amanhecer o vi no pesadelo.

Nuvens I

Não haverá uma só coisa que não dê ideia
de uma nuvem. O são as catedrais
de vasta pedra e bíblicos cristais
que o templo renderá. O é a Odisseia,
que muda como o mar. Algo há distinto
cada vez que a abrimos. O reflexo
de teu rosto já é outro no espelho
e o dia é um duvidoso labirinto.
Somos os que se vão. A numerosa
nuvem que se desfaz no poente
é nossa imagem. Incessantemente
a rosa se converte em outra rosa.
És nuvem, és mar, és olvido.
És também aquilo que está perdido.

Nuvens II

Pelo ar andam plácidas montanhas
ou da sombra de cordilheiras trágicas
que obscurecem o dia. São as mágicas
nuvens. As formas podem ser estranhas.
Shakespeare observou uma. Parecia
um dragão. Essa nuvem de uma tarde
em sua palavra resplandece e arde
e a seguimos vendo todavia.
Que são as nuvens? Uma arquitetura
do azar? Deus, talvez, as necessita
para a execução de Sua infinita
obra e são fios da trama obscura.
Talvez a nuvem seja não menos vã
do que o homem que a olha de manhã.

On his blindness

Ao fim dos anos me rodeia
uma insistente neblina de luz
que as coisas a uma coisa reduz
sem forma nem cor. Quase a uma ideia.
A vasta noite elemental e o dia
cheio de gente são essa neblina
de luz duvidosa e fiei que não declina
e que espreita no amanhecer. Eu queria
ver uma face alguma vez. Ignoro
a inexplorada enciclopédia, o prazer
de livros em minha mão reconhecer
as altas aves e as luas de ouro.
Aos outros resta o universo;
à minha penumbra, o hábito do verso.

O fio da fábula

O fio que a mão de Ariadne deixou na mão de Teseu (na outra estava a espada) para que este afundasse no labirinto e descobrisse o centro, o homem com cabeça de touro ou, como quer Dante, o touro com cabeça de homem, e lhe desse morte e pudesse, já executada a proeza, destecer as redes de pedra e voltar a ela, a seu amor.

As coisas aconteceram assim. Teseu não podia saber que do outro lado do labirinto estava o outro labirinto, o do tempo, e que em algum lugar prefixado estava Medeia.

O fio se perdeu; o labirinto se perdeu também. Agora nem sequer sabemos se nos rodeia um labirinto, um secreto cosmos ou um caos ao azar. Nosso bonito dever é imaginar que há um labirinto e um fio. Nunca daremos com o fio; talvez o encontramos e o perdemos em um ato de fé, em uma cadência, no sonho, nas palavras que se chamam filosofia ou na mera e simples felicidade.

Knossos, 1984

Posse do passado

Sei que perdi tantas coisas que não poderia contá-las e que essas perdições, agora, são o que é meu. Sei que perdi o amarelo e o negro e penso nessas impossíveis cores como não pensam os que veem. Meu pai morreu e está sempre a meu lado. Quando quero escandir versos de Swinburne, o faço, me dizem, com sua voz. Só o que morreu é nosso, só é nosso o que perdemos. Ilion foi, mas Ilion perdura no hexâmetro que a carpe. Israel foi quando era uma antiga nostalgia. Todo poema, como o tempo, é urna, elegia. Nossas são as mulheres que nos deixaram, já não sujeitos á véspera, que é naufrágio, e aos alarmes e terrores da esperança. Não há outros paraísos a não ser os paraísos perdidos.

Enrique Banchs

Um homem cinza. A sorte nua
fez que não o quisesse uma mulher;
essa história é a história de cores qualquer
mas de quantas há sob a lua
é a que mais dói. Terá pensado
em se tirar a vida. Não sabia
que essa espada, essa amargura, essa agonia,
eram o talismã, que lhe foi dado
para alcançar a página que vivia
além da mão que a escrevia
e do alto cristal de catedrais.
Cumprido seu labor, foi obscuramente
um homem que se perde entre a gente;
nos deixou coisas imortais.

Sonho sonhado em Edimburgo

Antes do amanhecer sonhei um sonho que me deixou espantado e que tratarei de ordenar.

Teus maiores te engendram. Na outra fronteira dos desertos há umas salas de aula empoeiradas ou, se se quiser, uns depósitos empoeirados, e nessas salas ou depósitos há filas paralelas de quadros-negros cuja longitude se mede por léguas, nos quais alguém traçou com giz letras e números. Ignora-se quantos quadros-negros há em conjunto, mas entende-se que são muitos e que alguns estão abarrotados e outros quase vazios. As portas das paredes são corrediças, à maneira do Japão, e estão feitas de um metal oxidado. O edifício inteiro é circular, mas é tão enorme que de fora não se percebe a menor curvatura, e o que se vê é uma reta. Os apertados quadros-negros são mais altos que um homem e alcançam até o teto de gesso, que é esbranquiçado ou cinzento. No flanco esquerdo do quadro-negro há primeiro palavras e depois números. As palavras se ordenam verticalmente, como em um dicionário. A primeira é Aar, o rio de Berna. Seguem-na os algarismos arábicos, cuja cifra é indefinida mas seguramente não infinita. Indicam o número preciso de vezes que verás aquele rio, o número preciso de vezes que o descobrirás no mapa, o número preciso de vezes que sonharás com ele. A última palavra é por acaso Zwingli e fica muito longe. Em outro desmedido quadro-negro está inscrita neverness e ao lado dessa estranha palavra há agora uma cifra. Todo o decurso de tua vida está nesses signos.

Não há um segundo que não esteja roendo uma série.

Esgotarás a cifra que corresponde ao sabor do gengibre e seguirás vivendo. Esgotarás a cifra que corresponde à lisura do cristal e seguirás vivendo alguns dias. Esgotarás a cifra das batidas que te foram fixadas e então terás morrido.

As folhas do cipreste

Tenho um só inimigo. Nunca saberei de que maneira pôde entrar em minha casa, na noite de quatorze de abril de 1977. Foram duas as portas que abriu: a pesada porta da rua e a de meu breve compartimento. Acendeu a luz e me despertou de um pesadelo que não recordo, mas tio qual havia um jardim. Sem aumentar a voz ordenou que me levantasse e me vestisse imediatamente. Havia-se decidido a minha morte e o lugar destinado à execução ficava um pouco longe. Mudo de assombro, obedeci. Era menos alto que eu porém mais robusto, e o ódio lhe havia conferido sua força. No correr dos anos não tinha mudado; só uns poucos fios de prata no cabelo escuro. Animava-o uma espécie de negra felicidade. Sempre me havia detestado e agora ia me matar. O gato Beppo nos olhava de sua eternidade, mas nada fez para me salvar. Tampouco o tigre de cerâmica azul que há no meu quarto, nem os feiticeiros e gênios de As Mil e Uma Noites. Quis que algo me acompanhasse. Pedi que me deixasse levar um livro. Escolher uma Bíblia teria sido demasiado evidente. Dos doze tomos de Emerson minha mão tirou um, ao azar. Para não fazer ruído descemos pela escada. Conteí cada degrau. Notei que evitava me tocar, como se o contato pudesse contaminá-lo.

Na esquina de Charcas e Maipu, em frente ao pequeno convento, esperava um cupê. Com um gesto cerimonioso que significava uma ordem, fez com que eu subisse primeiro. O cocheiro lá sabia nosso destino e fustigou o cavalo. A viagem foi muito lenta, e como era de se supor, silenciosa. Temi (ou esperei) que também fosse interminável. A noite era de lua e serena, e sem um sopro de ar. Não havia uma alma nas ruas. A cada lado da carruagem as casas baixas, que eram todas iguais, traçavam uma guarda. Pensei: já estamos no Sul. Alto na sombra vi o relógio de uma torre; no grande disco luminoso não havia nem algarismos nem ponteiros. Não atravessamos, que eu saiba, uma só avenida. Eu não tinha medo, nem sequer medo de ter medo, nem sequer medo de ter medo de ter medo, à infinita maneira dos eleatas, mas quando a portinhola abriu e tive que saltar, quase caí. Subimos por uns degraus de pedra. Havia carneiros singularmente lisos e eram muitas as árvores. Me conduziu ao pé de uma delas e ordenou que me estendesse na grama, de costas, com os braços em cruz. Desta posição divisei uma loba romana e soube onde estávamos. A árvore da minha morte era um cipreste. Sem me propor, repeti a famosa linha: *Quantum lenta solent inter viburna cupressi*.

Recordei que lenta, nesse contexto, quer dizer flexível, mas nada tinham de flexíveis as folhas da minha árvore. Eram iguais, rígidas e lustrosas, e de matéria morta. Em cada uma havia um monograma. Senti asco e alívio. Percebi que um grande esforço poderia me salvar. Me salvar e por acaso perdê-lo, já que, habitado pelo ódio, não se havia fixado no relógio nem nos monstruosos galhos. Soltei meu talismã e apertei a grama com as duas mãos. Vi pela primeira e última vez o fulgor do aço. Acordei; minha mão esquerda tocava a parede do meu quarto.

Que pesadelo estranho, pensei, e não tardei a mergulhar no sono.

No dia seguinte descobri que na prateleira havia um buraco: faltava o livro de Emerson, que havia ficado no sonho. Dez dias depois me disseram que meu inimigo havia saído de sua casa uma noite e que não havia regressado. Nunca regressará. Encerrado no meu pesadelo, seguirá descobrindo com horror, sob a lua que não vi, a cidade de relógios em branco, de árvores falsas que não podem crescer, e ninguém sabe que outras coisas.

Cinza

Um quarto de hotel, igual a todos.
A hora sem metáfora, a sesta
que nos desagrega e perde. A frescura
da água elemental na garganta.
A névoa tenuamente luminosa
que circunda os cegos, noite e dia.
O endereço de quem por acaso morreu.
A dispersão do sonho e dos sonhos.
A nossos pés um vago Reno ou Ródano.
Um mal-estar que já se foi. Essas coisas
demasiado inconspícuas para o verso.

Haydee Lange

As naves de alto bordo, as azuis
espadas que partiram da Noruega,
de tua Noruega e depredaram mares
e deixaram ao tempo e a seus dias
os epitáfios das pedras rúnicas,
o cristal de um espelho que te aguarda,
teus olhos que olhavam outras coisas,
o marco de uma imagem que não vejo
o gradil de um jardim junto ao ocaso,
uma inflexão de Inglaterra na tua palavra,
o hábito de Sandburg, umas diversões,
as batalhas de Bancroft e de Kohler
na tela silenciosa e lúcida,
as sextas-feiras compartilhadas. Essas coisas,
sem te nomear te nomeiam.

Outro fragmento apócrifo

Um dos discípulos do mestre queria falar a sós com ele, mas não se atrevia. O mestre disse:

— Diga-me que pesadelo te oprime.

O discípulo replicou:

— Me falta valor.

O mestre disse:

— Eu te dou o valor.

A história é muito antiga, mas urna tradição, que bem pode não ser apócrifa, conservou as palavras que esses homens disseram, nos limites do deserto e do amanhecer.

Disse o discípulo:

— Cometi há três anos um grande pecado. Não o sabem os outros mas eu o sei, e não posso olhar sem horror minha mão direita.

Disse o mestre:

— Todos os homens pecaram. Não é dos homens não pecar. O que olhar um homem com ódio já lhe terá dado a morte em seu coração.

Disse o discípulo:

— Há três anos, na Samaria, eu matei um homem.

O mestre ficou em silêncio, mas seu rosto se alterou e o discípulo pôde temer sua ira.

Disse finalmente:

— Há dezenove anos, na Samaria, eu engendrei um homem. Já te arrependeste do que fizeste.

Disse o discípulo:

— É isso. Minhas noites são de prece e de pranto. Quero que tu me dêes teu perdão.

Disse o mestre:

— Ninguém pode perdoar, nem sequer o Senhor. Se a um homem o julgaram por seus atos, não há quem fosse merecedor do inferno e do céu. Estás certo de ser ainda aquele homem que deu morte a seu irmão?

Disse o discípulo:

— Já não entendo a ira que me fez desnudar o aço.

Disse o mestre:

— Costumo falar em parábolas para que a verdade grave-se nas almas, mas falarei contigo como um pai fala com seu filho. Eu não sou aquele homem que pecou; tu não és aquele assassino e não há razão alguma para que continues sendo seu escravo. Te incumbem os deveres de todo homem: ser justo e ser feliz. Tu mesmo tens que te salvar. Se algo sobrou de tua culpa, eu a carregarei.

O restante daquele diálogo se perdeu.

A longa busca

Anterior ao tempo ou fora do tempo (ambas locuções são vãs) ou em um lugar que não é do espaço, há um animal invisível, por acaso diáfano, que os homens buscam e que nos busca.

Sabemos que não pode ser medido. Sabemos que não pode ser contado, porque as formas que o somam são infinitas.

Há quem o tenha buscado em um pássaro, que está leito de pássaros; há quem o tenha buscado em uma palavra ou nas letras dessa palavra; há quem o tenha buscado, e o busca, em um livro anterior ao árabe em que foi escrito, e ainda a todas as coisas; há quem o busque na frase Sou O Que Sou.

Como as formas universais da escolástica ou os arquétipos de Whitehead, costuma baixar fugazmente. Dizem que habita os espelhos, e que quem se olha O olha. Há quem o veja ou entreveja na bela memória de uma batalha ou em cada paraíso perdido.

Conjectura-se que seu sangue bate em teu sangue, que todos os seres o engendram e foram engendrados por ele e que basta inverter uma clepsidra para medir sua eternidade.

Espreita nos crepúsculos de Turner, no olhar de uma mulher, na antiga cadência do hexâmetro, na ignorante aurora, na lua do horizonte ou da metáfora.

Nos elude de segundo em segundo. A sentença do romano se gasta, as noites roem o mármore.

Da diversa Andaluzia

Quantas coisas. Lucano que amoeda
o verso e aquele outro a sentença.
A mesquita e o arco. A cadência
da água do Islã na alameda.
Os touros da tarde. A bravia
música que também é delicada.
A boa tradição de não fazer nada.
Os cabalistas da Judería.
Rafael da noite e das largas
mesas da amizade. Gôngora de ouro.
Das Índias o ávido tesouro.
As naves, os aços, as adargas.
Quantas vozes e quanta bizzarria
e uma só palavra. Andaluzia.

Gôngora

Marte, a guerra. Febo, o sol. Netuno,
o mar que já não podem ver meus olhos
porque o embaça o deus. Tais espólios
desterram Deus, que é Três e é Uno,
de meu desperto coração. O fado
me impõe essa curiosa idolatria.
Cercado estou pela mitologia.
Nada posso. Por Virgílio enfeitiçado.
Virgílio e o latim. Fiz que cada
estrofe fosse um árduo labirinto
de entretecidas vozes, um recinto
vedado ao vulgo, que é apenas, nada.
Vejo no tempo que houve uma seta
rígida e um cristal na corrente
e pérolas na lágrima doente.
Tal é meu estranho ofício de poeta.
Que me importam as mofas ou o renome?
Troquei em ouro o cabelo, que está vivo.
Quem me dirá se no secreto arquivo
de Deus estão as letras de meu nome?

Quero voltar às coisas airosas:
a água, o pão, um cântaro, umas rosas...

Todos os passados, um sonho

Ninharias. O nome do Muraña,
uma mão moderando uma guitarra,
uma voz, hoje pretérita que narra
para a tarde uma perdida façanha
de bordel ou de átrio, uma porfia,
dois ferros, já ferrugem, se chocaram
e alguém ficou estendido, me bastaram
para erigir uma mitologia.
Uma mitologia ensanguentada
que agora é o passado. A sábia história
das classes não é menos ilusória
que essa mitologia do nada.
O passado é argila que o presente
trabalha a seu capricho. Interminavelmente.

Pedras e Chile

Por aqui terei passado tantas vezes.
Não posso lembrá-las. Mais distante
que o Ganges me parece o instante
ou a tarde que foram. Os reveses
da sorte não contam. Já são parte
dessa dócil argila, meu passado,
que embaça o tempo ou que maneja a arte
e que nenhum augúrio terá decifrado.
Talvez na treva houve uma espada,
talvez houve uma rosa. Entretecidas
sombras a guardam hoje em suas guaridas.
Só me resta a cinza. Nada.
Absolvida das máscaras que tenho sido,
serei na morte meu total olvido.

Milonga do infiel

Do deserto chegou
em sua centáurea o infiel.
Era um pampa dos toldos
de Pincén ou de Catriel.

Ele e o cavalo eram um só,
eram um e um muito veloz.
Montado em pelo o guiava
com o assovio ou a voz.

Havia em seu toldo uma lança
que afilava com esmero;
pouco servia uma lança
contra o fuzil certo.

Sabia curar com palavras,
coisa que não é rasteira.
Sabia os rumos que levam
à secreta fronteira.

De terra adentro vinha
e a terra adentro voltou;
e não contou a ninguém
as coisas estranhas que olhou.

Nunca havia visto uma porta,
essa coisa tão humana
e tão antiga, nem um pátio
nem a cisterna e a roldana.

Não sabia que por trás
das paredes há quartos
com seus catres armados,
cadeiras, objetos fartos.

Não o assombrou ver seu rosto
repetido no que se espelha;
o viu pela primeira vez
nessa primeira centelha.

Os dois índios se olharam,

nem ficaram cara medonha.
Um — qual? — olhava o outro
como o que sonha que sonha.

Tampouco o assombraria
saber-se morto de perto;
à sua história chamamos
a Conquista do Deserto.

Milonga do morto

Eu o sonhei nesta casa
entre paredes e portas.
Deus permite aos homens
sonhar com coisas não tortas.

Eu o sonhei mar afora
em umas ilhas glaciais.
Que nos digam o restante
a tumba e os hospitais.

Uma de tantas províncias
do interior foi sua terra.
(Não convém que se saiba
que morre gente na guerra.)

Tiraram-no do quartel,
puseram em suas mãos
as armas e o mandaram
a morrer com seus irmãos.

Trabalhou-se com muita prudência,
falou-se de um modo prolixo.
Lhe entregaram a um só tempo
o rifle e o crucifixo.

Ouviu as vãs arengas
dos vãos generais.
Viu o que nunca tinha visto,
o sangue nos areais.

Ouviu vivas e ouviu morras.
ouviu o clamor da gente.
Ele só queria saber
se era ou se não era valente.

Soube naquele momento
em que lhe entrava a ferida.
Disse *Não tive medo*
quando lhe deixou a vida.

Sua morte foi uma secreta

vitória. Não se assobrem
que me dê inveja e pena
o destino daquele homem.

Um acúmulo de pó formou-se no fundo da prateleira, de trás da fila de livros. Meus olhos não o vêem. É uma teia de aranha para meu tato.

É uma parte ínfima da trama que chamamos a história uni versa ou o processo cósmico. É parte da trama que abarca es trelas agonias, migrações, navegações, luas, vaga-lumes, vigílias, naipes, bigornas, Cartago e Shakespeare.

Também são parte da trama esta página, que não acaba de ser um poema, e o sonho que sonhaste ao amanhecer e que já esqueceste.

Há um fim da trama? Schopenhauer a acreditava tão insensata como os rostos ou os leões que vemos na configuração de uma nuvem. Há um fim da trama? Esse fim não pode ser ético, já que a ética é uma ilusão dos homens, não das inescrutáveis divindades.

Talvez o acúmulo de pó não seja menos útil para a trama do que as naves que carregam um império ou a fragrância do nardo.

Juan López e John Ward

A sorte lhes reservou uma época estranha.

O planeta havia sido parcelado em distintos países, cada um provido de lealdades, de queridas memórias, de um passado sem dúvida heroico, de direitos, de agravos, de uma mitologia peculiar, de próceres de bronze, de aniversários, de demagogos e de símbolos. Essa divisão, cara aos cartógrafos, auspiciava as guerras.

López havia nascido na cidade junto ao rio imóvel; Ward, nos arredores da cidade por onde caminhou Father Brown. Havia estudado castelhano para ler o Quixote.

O outro professava o amor de Conrad, que lhe havia sido revelado em uma sala de aula da rua Viamonte.

Teriam sido amigos, mas viram-se uma só vez cara a cara, em umas ilhas demasiado famosas, e cada um dos dois foi Caim e cada um, Abel.

Foram enterrados juntos. A neve e a corrupção os conhecem.

O fato a que me refiro aconteceu em um tempo que não podemos entender.

Os Conjurados

No centro da Europa estão conspirando.

O fato data de 1291.

Trata-se de homens de diversas estirpes, que professam diversas religiões e que falam em diversos idiomas.

Tomaram a extrema resolução de ser racionais.

Resolveram esquecer suas diferenças e acentuar suas afinidades.

Foram soldados da Confederação e depois mercenários, porque eram pobres e tinham o hábito da guerra e não ignoravam que todas as empresas do homem são igualmente vãs.

Foram Winkelried, que dava no peito as lanças inimigas para que seus camaradas avançassem.

São um cirurgião, um pastor ou um procurador, mas também são Paracelso e Amiel e Jung e Paul Klee.

No centro da Europa, nas terras altas da Europa, cresce uma torre de razão e de firme fé
Os cantões agora são vinte e dois. O de Genebra, o último, é uma das minhas pátrias.

Amanhã serão todo o planeta.

Talvez o que digo não seja verdadeiro; talvez seja profético.

FIM

